

SEMANA DE ARTE MODERNA

Evento realizado por artistas e intelectuais no Teatro Municipal de São Paulo entre 13 e 17 de fevereiro de 1922. O objetivo era romper com o academicismo, valorizar a cultura popular e introduzir no Brasil os movimentos político-artísticos surgidos na Europa após a Primeira Guerra Mundial. Foi liderado por escritores como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti del Picchia e Graça Aranha, artistas plásticos como Di Cavalcanti e Anita Malfatti, e músicos como Villa-Lobos e Guiomar Novaes. Seus resultados se estenderam a outras áreas, como a arquitetura e o cinema, e às décadas seguintes, tornando o evento um marco na história cultural brasileira.

CONTEXTO E PREPARAÇÃO

A Semana de Arte Moderna se insere nos movimentos políticos e sociais da década de 1920 no Brasil, como o tenentismo e a organização dos trabalhadores. Seus antecedentes estão nas duas décadas anteriores, quando artistas e intelectuais brasileiros egressos da burguesia ou ligados à elite paulista passaram temporadas na Europa e aí travaram contato com as ideias resultantes da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Sob a designação de modernismo, tendências vanguardistas como dadaísmo, futurismo, cubismo, expressionismo e outras pretendiam romper com a arte tradicional e introduzir padrões mais livres para a criação artística.

Nas duas primeiras décadas do século XX, as migrações trouxeram levas de estrangeiros para o Brasil, as populações rurais começaram a vir para as cidades em busca dos empregos trazidos pelo início da industrialização, e o café trouxe riqueza para a região Sudeste. Nas aglomerações urbanas, especialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, a cultura popular começou a chamar a atenção das elites. Para os jovens vindos da Europa, a arte acadêmica não refletia esse contexto, e era preciso haver uma mudança radical para expressar a nova realidade. Parte deles tinha ligações com os movimentos políticos da época.

Embora houvesse artistas já antenados com essas ideias, atribui-se à pintora Anita Malfatti

a primeira manifestação modernista. Em 12 de dezembro de 1917, ela inaugurou uma exposição nas lojas Mappin, em São Paulo. Vendeu boa parte dos quadros e foi elogiada pelos críticos e outros pintores, como Emiliano Di Cavalcanti, mas recebeu violenta crítica do escritor Monteiro Lobato no jornal *O Estado de S. Paulo*. Lobato já iniciara uma escrita mais livre em seus livros, mas queria atingir os modernistas, com os quais não se alinhava. Os modernistas foram à imprensa defender Anita, mas o resultado prático só veio em 1922. Nesse ínterim, Menotti del Picchia publicou os poemas *Moisés* e *Juca Mulato* (1917), Manuel Bandeira lançou os livros *A cinza das horas* (1917) e *Carnaval* (1921) e Di Cavalcanti realizou a mostra de gravuras *Fantoches da meia-noite* (1921), enquanto Mário de Andrade e Oswald de Andrade publicaram artigos em jornais sobre o futurismo, referência ao movimento criado pelo italiano Filippo Marinetti. O termo apareceu num artigo de Oswald sobre os poemas de Mário intitulado *O meu poeta futurista*, em contraposição à poesia tradicional que considerava passadista.

A ideia da Semana de Arte Moderna tem paternidade discutida. Mário de Andrade deixou claro não ter partido dele ou de qualquer pessoa em particular. Di Cavalcanti, em seu livro de memórias *Viagem da minha vida – testemunho da alvorada*, conta ter sugerido sua realização ao empresário Paulo Prado, um mecenas da época. O pintor queria promover “uma semana de escândalos literários e artísticos de meter estribos na burguesiazinha paulistana”, tendo como modelo a Semana de Deauville, na França.

A SEMANA

Em 13 de fevereiro de 1922, uma segunda-feira, aconteceu o primeiro evento da Semana de Arte Moderna. O saguão do Teatro Municipal de São Paulo foi decorado com pinturas e esculturas que causaram estranheza ao público. O auditório lotado assistiu à palestra intitulada “A emoção estética da arte moderna”, proferida por José Pereira da Graça Aranha, escritor, diplomata e fundador da Academia Brasileira de Letras – dois anos depois, Graça Aranha se desligaria da Academia, alegando ser incoerente estar na instituição e manter-se modernista.

O espetáculo seguinte, em 15 de fevereiro, teve como principal atração a pianista Guiomar Novais, que misturou peças modernas a clássicos consagrados pelo público, que aplaudiu a iniciativa. A palestra seguinte, proferida por Menotti del Picchia, sobre os escritores dos novos tempos, aconteceu sob vaias e imitações de animais. A noite terminou em algazarra quando o poeta Ronald de Carvalho tentou ler o poema *Os sapos*, de Manuel Bandeira, em que o poeta pernambucano criticava o parnasianismo.

No dia 17 de fevereiro, Villa-Lobos foi a atração principal entre os músicos previstos. A platéia, menor que nos dias anteriores, recebeu bem aquela música fora dos cânones tradicionais. Mas quando o maestro e compositor subiu ao palco de casaca e calçando um sapato e um chinelo, o público entendeu seu figurino como futurista e desrespeitoso e o vaiou impiedosamente. Apesar disso, o concerto foi até o fim.

Tal como Bandeira anunciara em *Os sapos*, os modernistas queriam aproximar a arte do cidadão comum. Os poemas não teriam mais métrica e rima rígida, e a prosa imitaria a fala da rua, sem corrigir-lhe a sintaxe. Na música, os temas folclóricos e populares entrariam nas composições eruditas, e nas artes plásticas, trabalhadores e pessoas comuns e seriam tema e inspiração, ainda que a obra não fosse figurativa. Era o contrário do ideal da arte acadêmica, já praticado por escritores como Lima Barreto, considerado um precursor do modernismo.

A repercussão imediata dos três espetáculos da Semana não foi grande, mas os modernistas não desistiram de romper com a arte acadêmica e de trazer para o centro do palco a arte que consideravam brasileira e em sintonia com os acontecimentos políticos que tumultuavam os anos 1920. Ainda em 1922, Oswald de Andrade publicou *Paulicéia desvairada*, cujo *Prefácio Interessantíssimo* apresentava teorias sobre as novas tendências, mas anunciava ser difícil saber “onde termina a blague, onde principia a seriedade”.

No ano seguinte, o modernismo recebeu a adesão da pintora paulista Tarsila do Amaral. Herdeira de fazendas de café no interior de São Paulo, ela estava na Europa por ocasião da Semana de Arte Moderna, mas ligou-se a Oswald de Andrade e incluiu cores e temas brasileiros em seus quadros, num estilo que chamou de Pau Brasil. No ano seguinte,

Oswald publicou, no *Correio da Manhã*, o *Manifesto Pau Brasil*, cuja primeira frase, “a poesia existe nos fatos”, declarava sua intenção. Oswald fora influenciado pelo carnaval que passara no Rio de Janeiro e pela viagem que fizera às cidades históricas mineiras, na Caravana Modernista, em que estavam também Mário de Andrade e o poeta suíço Blaise Cendrars. Em Minas, tiveram como guias o poeta Carlos Drummond de Andrade e os escritores Aníbal de Mendonça e Pedro Nava.

A partir daí, as manifestações modernistas se multiplicaram. Mário de Andrade lançou *A escrava que não era Isaura* em 1925 (paródia do romance *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, sucesso da literatura tradicional) e *Macunaíma* em 1928 (com o subtítulo *O herói sem nenhum caráter*). Iniciou farta correspondência com intelectuais de idades e origens diversas, num total de cinco mil cartas, que influenciaram toda aquela geração. Viajou também pelo Nordeste, recolhendo a música e as manifestações folclóricas, iniciativa inédita até então. Também em 1928, Tarsila do Amaral pintou *Abaporu* (homem que come, em tupi-guarani), quadro síntese do movimento e, influenciado pela obra, Oswald de Andrade lançou o *Manifesto antropofágico*, que abria com a frase “só a antropofagia nos une” e pregava que, tal como os índios comiam os europeus para ganhar-lhes as qualidades, a cultura brasileira deveria absorver os estrangeirismos e devolvê-los abasileirados.

Os outros modernistas também produziam sem parar. Cassiano Ricardo escreveu *Martin Cererê* (1928), Manuel Bandeira lançou *O ritmo dissoluto* (1924) e *Libertinagem* (1930) e Raul Bopp publicou *Cobra Norato* (1931). Di Cavalcanti, que passou a década de 1920 entre o Rio e Paris, deu cunho político à sua obra, em acordo com sua filiação ao Partido Comunista em 1926. Villa-Lobos lançou seus *Choros*, influenciado pelos músicos populares do Rio de Janeiro. Além disso, os modernistas debatiam idéias nos jornais diários e em publicações especializadas como *Klaxon* e *Revista de Antropofagia*. Ambas tiveram vida curta, mas fizeram surgir outras.

Além de mudar as artes, os modernistas queriam revolucionar o Brasil e muitos, como Oswald e Mário de Andrade, Menotti del Picchia e Di Cavalcanti, aderiram aos

movimentos políticos dos anos 1920. Del Picchia considerava a Semana de Arte Moderna precursora da Revolução de 1930. “As forças coletivas que provocaram o movimento revolucionário do modernismo na literatura brasileira, que se iniciou com a Semana de Arte Moderna em São Paulo, foram as mesmas que precipitaram no campo social e político a Revolução vitoriosa de 1930”, disse ele num discurso em 1962, nos 40 anos da Semana. O quadro *Operários* (1933), de Tarsila do Amaral, é um exemplo dessa arte engajada.

Após os anos 1930, os modernistas tornaram-se a principal influência cultural do Brasil. Em 1931, o arquiteto Lúcio Costa assumiu a direção da Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro e abriu-lhes as portas. Villa-Lobos introduziu o canto orfeônico nas escolas públicas do Rio e acentuou, em sua obra, a mistura de elementos folclóricos e indígenas com a estrutura européia da música erudita. O pintor Cândido Portinari, que a princípio não aderira ao Modernismo, passou a comungar suas idéias, enquanto escritores vindos do interior e influenciados pelo movimento chegaram ao Rio e produziram incessantemente. Entre eles, Jorge Amado e Carlos Drummond de Andrade, considerados da segunda geração de modernistas.

O do arquiteto franco-suíço Le Corbusier, que veio ao Brasil a convite do presidente Getúlio Vargas para projetar a sede do recém-criado Ministério da Educação e da Saúde, apresentou a jovens estudantes como Oscar Niemeyer e Afonso Reidy as diretrizes e os materiais com os quais eles criariam a moderna arquitetura brasileira nas décadas seguintes. Em 1937, a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN, hoje Instituto, IPHAN) também foi consequência da Semana de Arte Moderna. Idealizado por Mário de Andrade, deveria cuidar da preservação da arquitetura e das obras de arte brasileiras do período colonial. Para os modernistas, a arte do século XIX, por acadêmica, era de qualidade inferior. Na implantação do SPHAN, liderada por Rodrigo Melo Franco de Andrade, trabalharam Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Lúcio Costa e Carlos Drummond de Andrade (chefe de gabinete ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, ao qual o órgão estava subordinado).

Ao longo do Estado Novo (1937-1945), os modernistas iniciais afastaram-se ou romperam

uns com os outros por questões políticas ou outras, mas a semente da Semana estendeu-se a outras áreas, como o cinema (com Humberto Mauro e Mário Peixoto) e o teatro (*A morta* e *O Rei da Vela*, de Oswald, peças encenadas pela companhia de Álvaro Moreira), e pelo interior do Brasil, com movimentos regionais como o Verde, de Cataguases, cidade de Minas Gerais. O rádio foi o veículo ideal para a música popular brasileira, criando estrelas como os cantores Carmem Miranda, Francisco Alves e Mário Reis e os compositores Noel Rosa e Ary Barroso. Os ideais modernistas já não causavam impacto, tinham sido absorvidos.

Nos anos 1960, o Tropicalismo e o Cinema Novo retomaram o modernismo. O romance *Macunaíma*, adaptado para o cinema por Joaquim Pedro de Andrade, foi sucesso de bilheteria e de crítica, e artistas como Hélio Oiticica e Lúcia Clark declararam sua adesão àqueles ideais. *O Rei da Vela* foi remontado por José Celso Martinez Correia, e os compositores Caetano Veloso e Gilberto Gil, ao mesclar rock aos ritmos brasileiros, disseram-se herdeiros da Semana de Arte Moderna. Talvez porque os anos 1960 tenham semelhança social e política com os anos 1920, o já citado discurso de Menotti del Picchia pode explicar as duas épocas: “A evolução econômica do mundo, o progresso técnico e industrial, a ascensão de fatos políticos estavam a exigir nova estruturação da sociedade e novas leis, capazes de atender com eficiência essas necessidades.”

Beatriz Coelho Silva

FONTES: ACAD. BRAS. LET. Disponível em: <<http://www.academia.org.br>>. 27/5/2009; GARCEZ, L.; OLIVEIRA, J. *Explicando*; Mundo Cultural. Disponível em: <<http://www.mundocultural.com.br>>. 27/5/2009; Tarsila do Amaral. Disponível em: <<http://www.tarsiladoamaral.com.br>>. 27/5/2009; VELOSO, C. *Verdade*.